

NOSSO TESTEMUNHO

Texto e Fotos de Manuel Mendes

"Brasília - a nova Capital. Alguns contra, muitos a favor, todos beneficiados", dizia a grande seta de madeira, colocada à frente de velha estação do aeroporto, indicando o caminho de terra vermelha que levava até o ponto onde se começava a construir uma nova etapa da história brasileira. Era a primeira saudação aos pioneiros que chegavam aqui em 1957. Era também o reconhecimento de que se fazia uma obra polêmica, controversa, combatida e defendida com os mesmos ardores.

Em verdade a placa, naqueles tempos, era demasiado otimista. Seria mais acorde com a realidade se ela dissesse exatamente o contrário: alguns a favor e muitos contra. Agora, 15 anos depois, ela é verdadeira, inclusive na afirmação de que todos se beneficiaram.

O Brasil tomou novos rumos em busca de seu futuro. E Brasília, não se pode negar, foi o marco inicial desse novo rumo, foi a encruzilhada histórica que apenas alguns poucos vislumbravam então.

DUAS FASES

Podemos dividir a vida da cidade em duas

fases distintas: antes da mudança e depois. A fase anterior à mudança, que vem desde o Brasil-colônia, viveu uma longa época de esperanças e sonhos, o desejo de mudar, sempre vivo no coração de alguns poucos. E um dia foi tomada a decisão e a obra iniciada. Em três anos a cidade estava pronta para se transformar na nova Capital. O que aconteceu nesses três anos épicos não foi, infelizmente, escrito, em todos os seus detalhes e no dia-a-dia em que os fatos aconteciam. Há muita informação, mas, de forma esparsa, escrita nas dezenas de pequenos jornais que surgiam, e morriam, agravados por uma circulação restrita e difícil.

Os jornais cariocas não tinham grande interesse na obra e, na verdade, a maioria dos grandes órgãos de divulgação ou atacavam a idéia ou simplesmente ignoravam-na, na quase certeza de que ela nunca seria concluída. Sem um sistema de comunicação, com dezenas de pequenos acampamentos espalhados nos numerosos canteiros de obra e até mesmo sem ligações rodoviárias, a não ser picadas abertas no cerrado, a própria comunicação, na futura capital, era muito difícil nos anos de 1957 a 1959. Os núcleos mais numerosos

criaram seus próprios órgãos de divulgação, para atender à necessidade básica de todo o homem, especialmente quando ele se sentir isolado, como era o nosso caso, naqueles anos pioneiros. No nosso acampamento nós mesmos criamos um jornalzinho semanal, mimeografado, com notícias da obra, fofocas internas, aniversários, o melhor enfim que era possível fazer então.

Mas, quando a Capital mudou, mesmo ainda incompleta, com quase tudo por terminar, surgiu nosso "Correio Brasileiro", no mesmo dia da mudança. Daquele dia até hoje, qualquer pessoa que se disponha a conhecer um fato de relevo na vida da nova Capital, poderá obter essa informação de forma fácil e cômoda, fazendo uma visita ao nosso Departamento de Relações Públicas. Lá estão, encadernadas, todas as edições do "CB", registrando o dia-a-dia da vida de Brasília. Como teria sido útil um jornal assim, durante o período de construção da cidade! Evitaria o penoso trabalho que os pesquisadores de hoje enfrentam, quando querem descobrir um episódio ocorrido entre 1957 e abril de 1960. É necessário recorrer às coleções particulares de alguns pioneiros ou aos arquivos da Novacap, tudo de forma esparsa e difícil.

NOSSO TESTEMUNHO

Pioneiros que somos, desde a primeira hora, com 18 anos de Brasília e cerca de 12 nos quadros do nosso "Correio Brasileiro", em cada aniversário da cidade somos levados a recordar. E esse nosso jornal, como que buscando completar a lacuna de informação durante os anos de construção da cidade, convoca pioneiros para que prestem seu testemunho. Assim, cada edição de aniversário é um manancial de informações novas sobre fatos que o tempo vai tornando cada dia mais indistinto. E o Ari, sempre preocupado em colher dados, em satisfazer a curiosidade dos que já encontraram uma Brasília com luz elétrica, ruas asfaltadas, telefones, hospitais, televisão, jornais, uma cidade enfim, pede nosso testemunho dos primeiros anos nestas terras do Planalto, conhecida como "sítio castanho", na palavra de código que delimitou a área do futuro Distrito Federal.

Bem, a vida em Brasília, em 1957 não era, absolutamente como é hoje. Só o sabe, em sua plenitude, quem aqui viveu naqueles anos inesquecíveis em que a solidariedade e o espírito de cooperação eram a nota dominante na vida de todos. A rudeza do ambiente, a vida simples, própria de qualquer núcleo pioneiro voltado para o

trabalho e carente da segurança e das facilidades dos grandes centros, tornam os homens mais humanos, mais simples e melhores. Nós éramos assim. Cada Instituto: (IPASE, IAPETEC, IAPC, IAPB, IAPM, etc) tinha seu canteiro de obra e, no meio dele, seu acampamento onde viviam o engenheiro, os funcionários e os "candangos", todos irmanados e amigos, com as roupas e as botas sujas pelo mesmo barro vermelho.

Nos nossos primeiros dias a vida era mesmo de acampamento, como escoteiros. Fogão de lenha, lampeão a querosene e água trazida de caminhão em uma bica que fica onde hoje lavam carros, na baixada antes do Hotel da Petrobrás, no caminho do Núcleo Bandeirante.

Dormíamos em camas de lona, armadas à noite, no próprio escritório. Essa era mesmo a fase pioneira, dos primeiros grupos, compostos só de homens. Mais tarde construíram-se casas de madeira para os casados e cada acampamento tinha o seu pequeno grupo gerador e sua cantina, uma espécie de clube, o ponto de reunião das famílias, o lugar das serenatas, das festinhas de natal, ano bom ou carnaval.

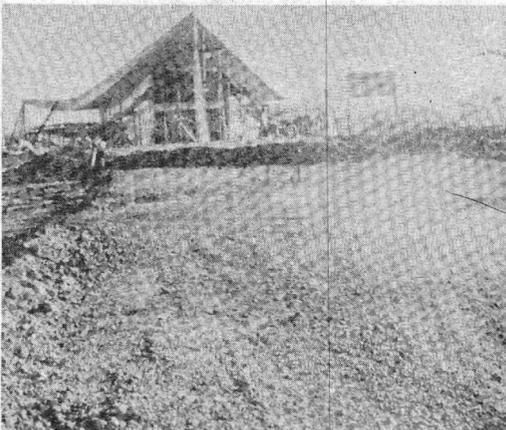
A vida no acampamento era como a vida numa grande família, onde todos sabiam tudo sobre todos. Era uma beleza para as

fofocas. Mas era também uma beleza de simplicidade e solidariedade.

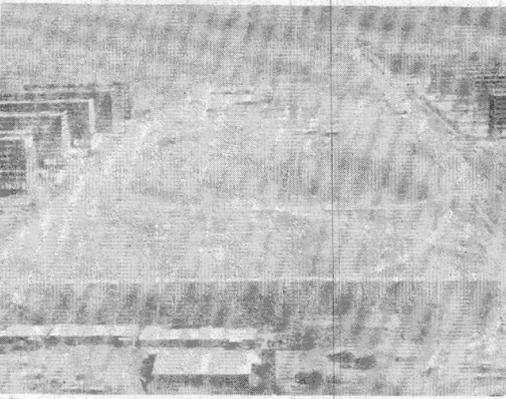
Todo acampamento possuía um "limpeiro", onde se jogava futebol. E jogava todo mundo, do servente de obra ao engenheiro. Nessas "peladas" até mesmo o Presidente do Instituto jogava. Outra distração: os banhos na cachoeira do Paranoá, que ficou soterrada pela barragem. Um local bellissimo, com várias pequenas quedas e muitas piscinas naturais nas rochas onde o rio se precipitava.

Viver a vida natural, sem formalismo. Acordar com o canto estridente das si-riemas ou encontrar, nas picadas, bandas de emas ou veadozinho assustado. Andar de blusão, calças de brim e botas. Olhar o céu desse imenso planalto, e as noites de lua cheia, realçada pela ausência de iluminação pública e poluição. Andar em "jipes" abertos, num mar de poeira que nos obrigava o uso de máscaras protetoras para respirar; ou ter que caminhar na lama, até o acampamento mais perto, à procura de alguns "candangos" para ajudar a empurrar o "jipe" atolado até o eixo, na confusão de picadas e caminhos onde hoje se ergue a Estação Rodoviária.

E tudo isso aconteceu há menos de vinte anos!



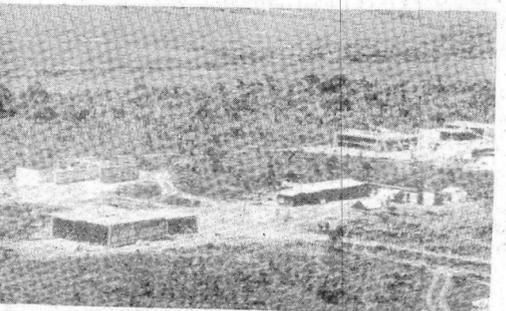
A "Igrejinha", na fase de construção



Vista aérea da Esplanada dos Ministérios e da Praça dos Três Poderes: construções em "ritmo de Brasília"



A edificação da agência do Banco do Brasil, no Núcleo Bandeirante



O Lago do Paranoá começava a formar-se